

“JÁ VEIO TUDO DOS ANTEPASSADOS”: festas, tradições e identidades de Caiana de Crioulos

Hezrom Vieira Costa LIMA

Mestre em História pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

RESUMO:

O presente artigo tem como objetivo analisar algumas das principais práticas culturais presentes na comunidade remanescente de quilombos de Caiana dos Crioulos. Elegemos para este estudo as festas e tradições que dizem respeito ao cachimbo, batismo, casamentos, velórios, bandas de pífano e o que ficou denominado de “som de caiana”. Como metodologia utilizamos a História Oral, a partir de entrevistas com os moradores mais antigos da comunidade, assim como pessoas que possuem uma vivência na comunidade. A partir das análises percebemos que as festas e tradições existentes em Caiana, herdadas pelos antepassados, contribuem para a constituição da identidade étnica dos moradores e da existência de uma “memória coletiva”.

Palavras-chave: Memória; Quilombola; Tradição; Ancestralidade; Identidade.

ABSTRACT:

The present article has as objective analyzes some of the main practices cultural presents in the remaining community of maroons of Caiana dos Crioulos. We chose for this study the parties and traditions that concern the pipe, baptism, marriages, wakes, pífano bands and what was denominated of “Caianas’sound”. As methodology used the Oral History, starting from interviews as the community's oldest residents, as well as people that possess an existence in the community. Starting from the analyses we noticed that the parties and existent traditions in Caiana, inherited by the ancestors, they contribute to the constitution of the residents' ethnic identity and of the existence of a "collective memory."

Keywords: Memory; Quilombola; Tradition; Ancestor; Identity.

A valorização das *tradições* que foram deixadas pelos antepassados, dos moradores da comunidade de Caiana dos Crioulos, é um elemento que se torna emblemático, pois é constantemente elucidado, tanto na fala quanto na *memória coletiva* dos moradores da comunidade. A manutenção dessas práticas se

materializa como um elo material e temporal com o passado, uma forma de se reconectar com a ancestralidade, afinal, como afirmou dona Edite (2014) “já veio tudo dos antepassados”, além do que a repetição no presente dessas práticas se configura como um elemento crucial de identificação por parte dos moradores enquanto quilombolas.

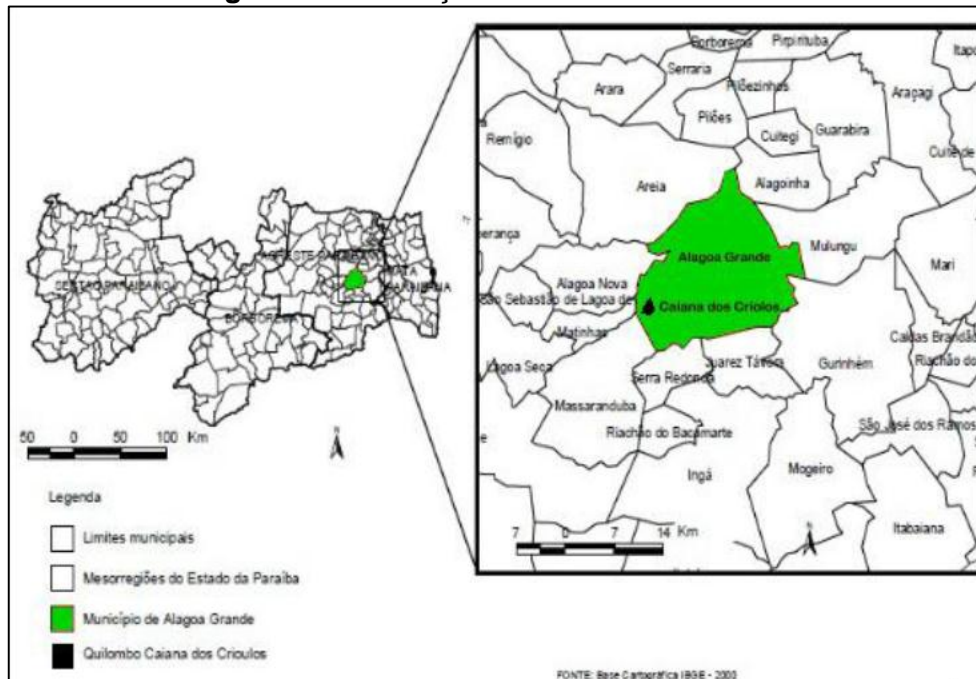
O que poderia ser considerado um quilombola? Como os moradores de uma Comunidade Remanescente de Quilombos se relacionam com o seu passado? Em que medida as práticas dos antepassados se tornam presentes no seu dia a dia? De que maneira a afirmação de uma identidade, o ser quilombola, transforma as relações na comunidade? Essas são algumas das questões que serão analisadas no presente artigo.

Caracterizando Caiana dos Crioulos: Localização Geográfica e aspectos socioculturais

A Comunidade de Caiana dos Crioulos é uma Comunidade Remanescente de Quilombos localizada na zona rural da cidade de Alagoa Grande – PB, microrregião do Brejo Paraibano e Mesorregião do Agreste, distante há aproximadamente 117km da capital, João Pessoa.



Jan – Jul /PP. 110 – 137, 2016

Figura 1: Localização de Caiana dos Crioulos

Fonte: LUIZ (2013, p.16)

A comunidade de Caiana dos Crioulos é (re)conhecida em nível local e nacional por ser uma das mais antigas comunidades quilombolas da Paraíba e por possuir uma população diferenciada etnicamente das demais localidades paraibanas, com uma ancestralidade negra. Além disso, também se destaca pela existência de práticas tradicionais, como a ciranda, que se desenvolvem nesta comunidade.

Salienta Fialho (2005, p.1) que apesar de serem conhecidas outras comunidades na Paraíba,

[...] foi Caiana que veio primeiro colocar em xeque a assunção da categoria de quilombola num complexo contexto fundiário em que se sobrepõem áreas de assentamento do Incra, propriedades privadas e um território fundado na concepção de ancestralidade e tradição negra.

A legitimação desta comunidade como remanescente quilombola ocorreu em 08 de Junho de 2005, quando os moradores obtiveram o reconhecimento do

órgão máximo dessa instância, a Fundação Cultural Palmares. A importância do reconhecimento pela FCP faz-se necessária porque é o meio legal para que os moradores da comunidade possam lutar por benefícios presentes na Constituição Federal e no Art. 68, nos Ato das Disposições Constitucionais Transitórias – ADCT.

Nesse sentido, conforme destacou Fialho (2005), a comunidade de Caiana dos Crioulos ganha evidência na luta pela terra e pelo seu reconhecimento em âmbito estadual quando de sua legitimação como Comunidade Remanescente de Quilombo. Tal reconhecimento traz à tona a valorização de aspectos étnicos e culturais presentes na comunidade, a exemplos da ancestralidade negra, da cultura de resistência utilizada pelos seus moradores no seu cotidiano, materializados na Ciranda e no Coco de Roda, na utilização de uma indumentária que valoriza sua identidade étnica, como as tranças usadas por algumas moradoras, entre outros aspectos, que até então eram negados pelos moradores.

A Realização da Pesquisa: Metodologia e Fontes

Para a realização dessa pesquisa, além da análise das fontes documentais, lançamos mão também da aplicação da metodologia da História Oral (LOZANO, 2000). Portanto, destacamos que enquanto fontes orais foram escolhidas pessoas que vivenciam a Comunidade de Caiana de formas variadas em distintos espaço-tempo como, por exemplo: *Dona Edite*, Cirandeira e membro Organização das Mulheres Negras de Caiana; *Elza*, também Cirandeira e engajada politicamente e *Lúcia de Fátima*, professora de Caiana mas, ao contrário das outras, não é moradora da comunidade.

Essa variedade de experiências de vida serviu para traçar uma visão panorâmica acerca da comunidade, fato que auxiliou bastante nossa pesquisa. A professora Maria de Fátima, por exemplo, sempre explicitava em sua fala que seu relato consistia em sua “opinião”, que era a “visão de alguém de fora da

comunidade”, mesmo que ela tenha participado ativamente de diversas atividades no âmbito cultural e educacional na comunidade ao longo dos anos.

A pesquisa baseada na História Oral se desenvolveu em três etapas. A primeira delas se constituiu em uma aproximação com os entrevistados, onde foram apresentados o projeto, bem como as problemáticas relacionadas à pesquisa. Nesse momento, priorizei a informalidade, explicando o meu lugar de origem, a Instituição de Ensino Superior a qual estava vinculado e relembrando sobre o primeiro contato que tive com a comunidade de Caiana dos Crioulos, ainda enquanto aluno da especialização na Universidade Estadual da Paraíba, assim como explicando os motivos pelos quais me interessei pelas práticas culturais da comunidade e em torná-la objeto de pesquisa para o Mestrado. Esse tipo de contato se estabeleceu pessoalmente, sendo utilizado, posteriormente, outras formas de contato como o telefone celular, *email* e as redes sociais.

Em seguida, após explicar a intencionalidade da pesquisa e como ela poderia retornar para a comunidade, escolhemos a data e o local adequado para a realização das entrevistas, ambos estabelecidos a critério do entrevistado, ou seja, um local com o mínimo de ruídos e trânsito de pessoas, para evitar incômodos na realização da entrevista.

Quando do momento das entrevistas era apresentado previamente para as entrevistadas um questionário com as perguntas a serem realizadas, para que as mesmas já fossem tomando conhecimento de como ela seria realizada e quais os interesses que norteavam a entrevista. O objetivo desse processo era sanar qualquer dúvida que pudesse existir referente às perguntas. O tempo das entrevistas variou bastante, sendo a mínima com 45 minutos e a maior com mais de 2 horas, o que acarretou em um banco de dados extremamente rico, com mais de 9 horas de gravação e depoimentos referentes à memória pessoal e coletiva de Caiana dos Crioulos.

Festas, Tradições e Identidade de Caiana dos Crioulos

Meus pais diziam que essas coisas já vêm das primeiras gerações. (Dona Edite, moradora de Caiana, 2014).

A valorização das *tradições* que foram deixadas pelos antepassados, dos moradores da comunidade de Caiana dos Crioulos, é um elemento que se torna emblemático, pois é constantemente elucidado, tanto na fala quanto na *memória coletiva* dos moradores da comunidade. A manutenção dessas práticas se materializa como um elo material e temporal com o passado, uma forma de se reconectar com a ancestralidade, afinal, como afirmou dona Edite (2014) “já veio tudo dos antepassados”, além do que a repetição no presente dessas práticas se configura como um elemento crucial de identificação por parte dos moradores enquanto quilombolas.

Hobsbawm e Ranger (1984, p.9) apresentam uma distinção entre *costumes* e *tradição*, sobretudo em relação ao passado, os mesmos ainda afirmam que existe uma *invenção das tradições*. Abarcando “tanto as tradições realmente inventadas, construídas e formalmente institucionalizadas, quanto as que surgiram de maneira mais difícil de localizar num período limitado e determinado de tempo”. Para os autores

Por tradição inventada entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento **através da repetição**, o que implica, automaticamente; uma continuidade em relação ao passado. (Grifos nossos)

Nesse sentido, a *invenção das tradições* ocorre quando determinada prática cultural está perdendo espaço devido à uma mudança ocorrida na sociedade/comunidade e, diante disto, faz-se necessário a permanência da mesma enquanto *tradição*, ou seja, a sua manutenção se torna uma espécie de ligação com o passado. Entretanto, Hobsbawm e Ranger (1984) afirmam que existem tradições verdadeiras que estão mais próximas dos *costumes* e que devem ser diferenciadas das tradições inventadas. Portanto, os autores fazem

uma diferenciação entre os termos *tradição* e *costume*, demonstrando que o primeiro é mais “fixo” e o segundo mais “maleável” e ressaltam que os mesmos são, de certa forma, complementares.

A valorização das práticas consideradas tradicionais, por parte dos membros da comunidade é o objeto principal de análise desse artigo. Durante a pesquisa de campo percebemos que para os moradores a identificação do que é ser quilombola não diz respeito apenas a uma identidade territorial, ou seja, não basta apenas “nascer” em Caiana dos Crioulos para ser considerado um quilombola, o elemento que vai unir esse passado ancestral com o reconhecimento, por parte dos seus iguais e dos diferentes, diz respeito à valorização das *tradições* herdadas pelos antepassados.

Sobre essa questão Barth (2011) afirma que existe uma diferenciação entre cultura e identidade, pois a caracterização de uma cultura em comum não implica, necessariamente, em um reconhecimento identitário comum por parte daqueles que compartilham essa mesma cultura. O que deve ser levado em consideração é a motivação para o reconhecimento e a identificação, por parte desses grupos, com os valores em comum, acarretando na construção da sua identidade, caracterizando-os como *grupos étnicos*. Enfocando essa questão, Cuche (2002, p.200) afirma que

O que separa dois grupos etno-culturais não é em princípio a diferença cultural, como imaginam erroneamente os culturalistas. Uma coletividade pode perfeitamente funcionar admitindo em seu seio uma certa pluralidade cultural. O que cria a separação, a “fronteira”, é a vontade de se diferenciar e o uso de certos traços culturais como marcadores de sua identidade específica. Grupos muito próximos culturalmente podem se considerar completamente estranhos uns em relação aos outros e até totalmente hostis, opondo-se sobre um elemento isolado do conjunto cultural

Sendo assim, a cultura se apresenta como essencial para poder compreender esses elementos que se tornam tão emblemáticos na manutenção da identidade dos moradores da comunidade de Caiana dos Crioulos.

Observamos, no entanto, que cultura é um termo plural, podendo-se inclusive falar de culturas. Ampliando a sua definição e demonstrando como ela passou a ser utilizada pelos historiadores, Burke (1989, p.25) afirma que

O termo cultura tendia a referir-se à arte, literatura e música [...] hoje contudo seguindo o exemplo dos antropólogos, os historiadores e outros usam o termo "cultura" muito mais amplamente, para referir-se a quase tudo que pode ser apreendido em uma dada sociedade, como comer, beber, andar, falar, silenciar e assim por diante.

Nessa perspectiva de análise, a cultura é percebida não como algo estático, mas como algo dinâmico, que não fica impedido de sofrer modificações com o passar do tempo, alimentando e sendo alimentado por outras culturas. Confirmando essa percepção da cultura, Cunha (1986, p.101) afirma que “a cultura não é algo dado, posto, algo dilapidável também, mas algo constantemente reinventado, recomposto, investido de novos significados”.

Sobre o caráter imutável da cultura, D’amorim e Araújo (2003, p.16) alertam sobre os cuidados que os pesquisadores devem ter

Afinal, o que o povo produz ou reproduz, naturalmente, varia em alguns de seus elementos, porque também sofre influência, seja do próprio cotidiano, seja de agentes externos. Isto significa que o pesquisador [...] não pode mais deter suas investigações, como se pudesse resgatar algo como ocorreu em uma época passada, considerando o argumento de que são tradicionais, e muitas vezes, visto como imutáveis.

Levando em consideração que estamos falando da cultura de uma Comunidade Remanescente de Quilombos, como é o caso da cultura vivenciada pelos moradores de Caiana dos Crioulos, e que esta guarda algumas similaridades com outras comunidades negras presentes no território brasileiro, tais manifestações culturais tiveram que passar por um processo de modificação, ou seja, os africanos que foram submetidos à escravidão precisaram adaptar suas práticas culturais para que as mesmas pudessem sobreviver à experiência

do cativo, motivada pela diáspora africana, a qual os mesmos foram obrigados a se submeter. Sobre essa questão, Cunha (1986, p.99) afirma

A cultura original de um grupo étnico, na diáspora ou em situações de muito contato, não se perde ou se funde simplesmente, mas adquire uma nova função, essencial e que se acresce às outras, enquanto se torna cultura de contraste: este novo princípio que a subtende, a do contraste, determina vários aspectos.

A reorganização dessas práticas culturais, quer dizer, a mescla das culturas negra/africana com as culturas indígenas e branca/europeia que foram desenvolvidas na América portuguesa, deram origem a novas formas de organização sociocultural por parte dos seus habitantes, fato que se caracteriza com a formação de comunidades com culturas tão distintas mesmo que próximas geograficamente, como é o caso de Caiana dos Crioulos.

A cultura de Caiana é perceptível em vários aspectos que perpassam desde a forma de falar com características próprias (LIMA, 2014) até elementos culturais como o grupo de cirandeiros e as bandinhas de pífano e, também, comemorações de determinadas festividades que adquirem nuances próprias, a exemplo das festas de casamento e batismo e em momentos de velório, ocorridas naquela comunidade.

As *festas* são fenômenos sociais que se inserem no cotidiano das sociedades e modificam, momentaneamente, a normalidade do cotidiano. Maia (2000, p.251) ressalta que a *festa* se faz presente desde tempos primordiais na história da humanidade, ou seja, desde “os tempos mais remotos que o homem faz festa” e continua

De uma maneira geral, a festa é tratada como fenômeno social que possui regras, leis e uma lógica própria que é identificada à cerimônia, ao lúdico, ao extraordinário. Portanto, apesar da vasta dimensão que a terminologia atinge, assim como a grande diversidade desse tipo de manifestação, a literatura indica que a festa acompanha o homem em todos os tempos e civilizações.

As festividades expressam visões de mundo e são dotadas de significados simbólicos para aqueles que compartilham daquele momento. Durante a realização das festas, valores são reafirmados, alianças são feitas, desfeitas e refeitas, existe toda uma dinâmica que exerce sentidos na vida daqueles que se fazem presentes. Além do que, a relação existente entre a natureza e a vida da população tornou possível uma relação entre a festa e a religião, quando o ser humano passou a atribuir a esta a explicação de fenômenos até então incompreensíveis, permitindo as religiões constituir a base de celebrações festivas (MAIA, 2000, p.252).

A religiosidade dos moradores de Caiana dos Crioulos é um elemento que se torna bastante visível e se materializa, de acordo com dona Edite (2014) enquanto "*tradição* herdada dos antepassados" pelos moradores. De acordo com Mata (2010, p.74) a religião é entendida como uma forma de linguagem, em que a elas são atribuídas valores e visões de mundo que permitem a seus praticantes atribuir significados e sentidos para a sua vida e, até mesmo um pós-vida, no qual alguns rituais são necessários durante esse processo.

Seguindo uma espécie de lógica biológica, associada com as práticas religiosas dos moradores da comunidade, analisaremos os rituais de nascimento, batismo, casamento e velório ocorridos na comunidade de Caiana dos Crioulos, tendo como base as fontes orais colhidas na pesquisa de campo.

Cachimbo: A prática do apadrinhamento

Uma festividade ocorrida em Caiana dos Crioulos que está relacionada ao momento dos nascimentos é conhecida na comunidade como *cachimbo*. De acordo com Elza (2014), estes acontecem geralmente entre "oito e quinze dias" após o nascimento da criança, quando os padrinhos que recebem "essa responsabilidade de somar com os pais" devem contribuir com uma "cestinha, da maneira que ele[s] pode[m]". Percebemos, portanto, que os padrinhos têm

uma função social de extrema relevância para a comunidade, criando um elo com a família e fortalecendo os laços sociais.

Dona Edite (2014) afirma que a madrinha fica responsável por entregar pessoalmente a cestinha na casa da sua comadre, “a madrinha vai na casa daquela cumadre. Ela leva uma galinha, ela leva uma feira pra ela de tudo, açúcar, sabão, sá, fósforo, bolacha, arroz”.

Elza afirma ainda que a preocupação maior do *cachimbo* consiste nas consequências do “dia d”, o momento exato que a criança chega ao mundo, pois é exatamente nesse período que os pais das crianças precisarão da ajuda da comunidade. De acordo com Elza (2014) os padrinhos têm “essa preocupação da tradição”, que também pode ser estendida a doação de uma galinha, a qual pode tanto servir de alimento para os pais, como pode ser dada de presente para a criança, porque

[...] hoje como as coisas estão mais modernas, com mais facilidadezinha, ai geralmente a mãe pega aquela galinha e deixa pro filho, que nasceu. Então a galinha é do filho, que não tem muito essa necessidade de pegar a galinha, matar e comer.

Além da cestinha e da galinha, bebidas também são adicionadas para a comemoração, então o “cachimbo” consiste na entrega dos presentes por parte dos padrinhos e em uma posterior celebração, onde “chama os vizinhos, ai os vizinhos vão e vão celebrar aquele nascimento daquela criança que vem ao mundo” (Dona Edite, 2014). De acordo com Elza, outra forma de se comemorar a *tradição* do *cachimbo* consistia em ajudar os pais nas tarefas diárias uma vez que a mãe se encontrava impossibilitada de realizar tais tarefas devido ao resguardo. Antigamente, quando uma mulher dava à luz a uma criança, os seus vizinhos deveriam presenteá-la com lenha, os vizinhos deveriam “ir lá na mata”, depois “tirar um fecho de lenha” e caso tivessem os recursos necessários, “botar num animal” ou então “levar na cabeça” e levar para a casa da nova mãe, “chegar lá com todo prazer para presentear aquela mulher que tava no período de

repouso”, esse era o presente geralmente dado às mulheres de Caiana quando davam a luz.

Elza também destaca outro modo pelo qual as mulheres de Caiana poderiam se ajudar, geralmente as mulheres pegavam uma lata com água, “um pote d’água, que era pote mesmo, muitas vezes fabricados na comunidade” e caminhavam até a cacimba e após encher os potes de água “enchia a casa d’água”. Por fim, Elza (2014) destaca uma última forma de celebração dos nascimentos ocorridos em Caiana dos Crioulos, quando as mulheres da comunidade tinham o costume de ajudar a sua companheira que havia acabado de gerar uma vida

Outra a mulher pegava, não ia levar a água, mas chegava lá e dizia “cumade, o que é que tem pra fazer?”. Ela diz “minha filha, pois tá ali, um monte de roupa dos meninos que tá tudo suja”. Pronto, pra ela era prazer, pegar uma bacinha, botava aquelas roupas dentro e ia com uma caçimba, ou aquela água mesmo que as outras já tinham trazido e ia lavar aquela roupa, aquela bacia de roupa, eram os presentes, a forma de comemorar o nascimento, era essa.

Elza (2014) finaliza sua fala afirmando que essa *tradição* foi bastante modificada em Caiana, pois hoje “acontece [comemoração], mas muito [ênfase] diferente. Hoje ninguém se leva mais lenha, hoje ninguém se leva mais água, hoje ninguém se lava mais a roupa de ninguém, cada um que se cuide, né?”. Mais uma vez percebemos que a *tradição* da comunidade está relacionada a uma função identitária, que tem como marca principal a noção de pertencimento e ajuda mútua.

Batismo

Seguindo a tradição católica, bastante forte na comunidade, após o nascimento, as crianças devem ser batizadas de acordo com os rituais propostos por essa religião. Em Caiana dos Crioulos as crianças são batizadas, como

explica dona Edite “às vezes com seis mês, às vezes com três mês”, esse acontecimento também se torna outra *feira* na comunidade e é entendida pelos moradores como uma *tradição* de Caiana.

Elza (2014) ressalta que aconteceram algumas modificações na forma de batismo das crianças de antigamente para a forma como acontecem hoje, “Logo o pessoal tinha mais um cuidado, pra batizar. A criança adoecia, chamava os padrinhos e batizava ali com medo daquela criança não morrer sem o batismo. Né?”. A preocupação do batismo das crianças está ligada ao ensinamento católico de que para adentrar ao paraíso os fiéis devem deixar de ser pagãos, ou seja, batizarem-se no catolicismo, daí o medo dos pais de que aquela criança, quando adoecia, morresse sem receber o sacramento.

Exemplificando as diferenças ocorridas nas formas de batismo que acontecem em Caiana dos Crioulos, Elza vai demonstrar que atualmente os moradores esperam mais tempo para batizar os seus filhos, primeiro porque pressupõe-se que as condições sanitárias daquela comunidade melhoraram em relação ao passado, e segundo porque de certa forma se torna mais prático para os pais realizar uma *feira* só, a comemoração do batismo e o aniversário dos filhos.

Hoje o pessoal deixa completar 1 ano, deixa completar 2 anos, né? Que é pra ficar maior, que é pra tirar foto de pose (risos), comprar uma roupa mais bonita, mais charmosa, né? Ai já vem batizado com comemorações de aniversário. Já soma tudo, eu mesmo batizei a Rute [filha] com um ano, batizei ela com um ano, fiz questão de deixar com um ano pra gente comemorar (risos) o batizado e o aniversário, e realmente, eu batizei ela no sábado, e no domingo eu comemorei o batismo e um aninho de vida. Foi batizada aqui [em Alagoa Grande]. (Grifo nosso).

A importância do batismo enquanto uma *feira* fica evidente na fala de Elza. Neste momento a criança começa a fazer parte do grupo religioso da comunidade, uma esfera de extrema relevância para a composição social do

grupo. Da mesma forma, também percebemos essa compreensão e importância deste ritual na fala de dona Edite (2014)

Aí pronto, aí às vezes com seis mês, às vezes com três mês, depende do tempo que a mãe quiser batizar aquele menino, aí vai ser outra festa, faz que nem o ditado, uma festa de carne, arroz, macarrão, faz que nem o ditado, farofa, aquela festa toda, bebida, cerveja, guaraná, o que tiver, o que a pessoa puder levar, leva.

Após inserir-se nos rituais católicos, sobretudo mediante a prática do batismo, outro momento que se torna emblemático na vida religiosa e de comunidade dos moradores de Caiana dos Crioulos diz respeito ao casamento.

Casamento

Tendo o primeiro registro, de alguém de fora da comunidade, feito por um padre (ZADRA, 1997), a cerimônia já causava interesse por quem a acompanhava justamente por ser uma festividade bastante característica da comunidade, além de se configurar como uma *tradição*, herdada dos antepassados, e preservada pelos moradores da comunidade.

Dona Edite (2014) explica como eram realizados os casamentos na comunidade na época de sua juventude, entre as décadas de 1960 e 1970, onde de acordo com ela “todos do meu tempo”, ou seja, todos os moradores de Caiana, na data do casamento, deixavam a comunidade de madrugada, ainda por volta de 1 hora da madrugada, e desciam caminhando em direção à Igreja de Nossa Senhora da Conceição, localizada em Alagoa Grande, local em que seria celebrado o casamento.

A duração do trajeto demorava, geralmente, entre 4 ou 4:30 horas de viagem, de acordo com dona Edite (2014) “porque ia devagazinho no caminho”, além do que, geralmente, levavam algum animal de carga para guardar as roupas da festa. Quando chegavam na cidade, por volta de 5:30 da manhã, o

grupo se dirigia para a casa de algum amigo ou parente, para se trocar e poder ir para igreja. Quando a cerimônia era realizada, o grupo “vinha simhora de pé”, deixava Alagoa Grande e retornava para Caiana dos Crioulos, quando as festividades e comemorações da união começariam.

Atualmente a forma de organização das festividades do casamento ainda se mantém como eram antigamente, adquirindo *status* de *tradição* para a comunidade, conforme é perceptível na fala de Elza (2014), quando a mesma afirma que “Casamento eu ainda tiro o chapéu, porque ainda acontece assim de uma forma muito legal. Tem umas mudançinhas porque não tem como não ter né? Mas ainda preservamos essa tradição, né?”.

Imaginar que as comemorações do casamento se encerravam no momento do “aceito”, ou seja, quando o padre, conforme mencionou Elza (2014) “amarrava os noivos”, é um equívoco, pois elas realmente iniciavam a partir do momento que os noivos retornavam para Caiana dos Crioulos. Geralmente os casamentos têm duração de 3 dias, *tradição* que se mantém em uma época anterior à dona Edite, que ela também vivenciou e que perdura até os tempos de hoje, com os preparativos sendo iniciados na sexta, perpassando o sábado e finalizando no domingo, com um café da manhã.

Os três dias são diferenciados, a sexta é direcionada tanto para os preparativos das comidas como para uma espécie de aquecimento, com sanfoneiro e pé de serra. De acordo com Elza (2014)

Logo começava na sexta-feira, eram três dias de festa, sexta, sábado e domingo. Na sexta já começava o sanfoneiro, [forró] pé de serra, animando, né? As matanças dos animais, que fosse boi, que fosse cabrito, que fosse porco, galinha e... No sábado como ainda é hoje. Sexta é a matança, né? Os primeiros preparativos daquelas comidas, né? Já dá uns primeiros passos, fazer a escolha dos arroz, pregar as galinhas pra matar no pau, as vezes dá uma fervura, uma refogada, fazer mais alguma coisa, ai no sábado já tá mais fácil, ai o pessoal, os noivos, os companheiros dos noivos, os padrinhos do noivo, vêm até aqui na cidade.

Após a realização do casamento, que geralmente acontece às 10 horas da manhã do sábado, o grupo fica na cidade até por volta do meio dia, ainda resolvendo algumas questões como compra de presentes para os noivos e as bebidas que serão comercializadas mais tarde, durante o período noturno da festividade. Elza afirma que um dos centros das atenções das festas de casamento que ocorrem em Caiana dos Crioulos é o *botequim*, que ocorre no sábado, “um lugar que, vai colocar aquela bebida lá pra vender a noite, no forró, lá em cima [em Caiana dos Crioulos]. A festividade é tudo lá”.

Os convidados se dirigem para a casa da noiva, fazem uma fila para presentear a noiva, “abraçando a noiva, dando os parabéns a noiva”, e posteriormente são iniciados os “comes e bebes”. Após isto, alguns geralmente descansam um pouco para “depois das 10 horas da noite” se dirigirem para o forró, que segundo Elza (2014) “o gás chega é grande”. A celebração do casamento “vira a noite”, adentrando na madrugada do sábado para o domingo, quando aqueles que estão comemorando muitas vezes ficam acordados até o amanhecer do dia e aqueles que não conseguem ter tanta disposição, são acordados, posteriormente, para compartilharem de um café da manhã, oferecido pelos pais da noiva, ainda em ritmo de festividade.

A importância que as festividades do casamento exercem na *memória coletiva* em Caiana dos Crioulos também se faz presente nas canções do coco de roda e na ciranda, conforme podemos perceber em *Tomar Banho*, “Fui tomar banho com a aliança no dedo /morena eu tive medo, pra ela não mariar. / Sai de lá, deixei a maré enxendo, deixei a moça correndo de maiô na beira mar”.

Velórios

Além dos casamentos, outra prática que ocorre em Caiana dos Crioulos e que se caracteriza como *tradição*, por parte dos seus moradores, é o momento dos velórios, onde aconteciam as práticas das excelências. Os velórios em

Caiana dos Crioulos constituem-se em umas das tradições que mais foram sendo deixadas de lado ao longo do tempo. Sobre essa questão da modificação nas formas como ocorrem os ritos do velório, Elza (2014) afirma que “o velório mudou muito” e geralmente se fazem presentes “só quando pega aquelas famílias mesmo, vamos dizer assim, com idade elevada”.

Existe uma espécie de choque de geração entre a prática das excelências, de um lado existem os “mais velhos” que buscam manter viva essa *tradição* e do outro um grupo mais novo que não quer que as excelências sejam rezadas. De acordo com dona Edite (2014)

Tem uns dize “eu não quero que reze”, outros diz “eu também num quero, pru mode de ficar na lembrança”. Que fica na lembrança, que excelênça num é que nem, que nem os benditos que a gente escuta pela igreja. Excelênça é mai pesada, mai penosa.

Quando os moradores de Caiana dos Crioulos celebravam o velório, existia a prática da excelência, onde, conforme menciona dona Edite (2014) “antigamente se passava uma noite todinha cantando num velório. Tinha uma tradição que chamava excelênça”. As rezas eram alternadas, sendo iniciadas com as excelências, que duravam até a meia noite, após a meia noite, era rezado o “terço”, depois do “terço” ser rezado, iniciava o “ofício da mãe de Deus”, para ser reiniciada a reza da excelência, até o dia amanhecer. O ato das excelências durava a noite toda, adentrando na madrugada e perdurando até o dia amanhecer, quando os entes se dirigiam para o cemitério, ainda cantando as excelências. Dona Edite (2014) relata que uma das principais características que fora modificada, além da prática de excelência, diz respeito à forma como o morto era transportado

O morto na, faz que nem o ditado antigamente era, ia numa rede as pessoas que falecia, ia se enterrar na rede lá naquela Alagoa Grande, daqui pra lá pelos braços do povo. [...] Desciam com ele. Faz quem tato era aquela caminhada de gente, parecia festa até uma festa de casamento.

A excelência, ou seja, a prática de cantar a reza para velar os mortos, ainda acontece em Caiana dos Crioulos, porém, de acordo com dona Edite ela tem ocorrido com menos frequência do que outrora. Uma das excelências que geralmente são cantadas nos velórios foi demonstrada durante a pesquisa de campo por dona Edite, entretanto, antes de realiza-la a mesma fez uma ressalva “agora faz que nem o ditado só é meia pesada, to achando uma mais fraca, porque agora que veio na lembrança foi uma meia penosa”, demonstrando a importância tradicional que esse ritual exerce na cosmovisão dos moradores. Segue a excelência

“Maria gemia sentindo uma grande dor. Com três cravim na boca de Nosso Senhor. Com três cravim na boca de Nosso Senhor. O que fulo cheirosa só é a maravia. Chorava José e gemia Maria. Maria gemia sentindo uma grande dor. Com quatro cravim na boca de Nosso Senhor”. Aí começa do primeiro cravo. Porque eu num quis começar do primeiro. Aí vai até doze. Aí é muita gente, faz que nem o ditado uns responde “Maria gemia” e outros já responde o “o cravo na boca”. [...] Vai até as doze. Excelência é até doze estrofe ou até quinze.

A *cultura* se materializa como elemento norteador das práticas realizadas pelos moradores da comunidade de Caiana dos Crioulos, pois, além da estética e ancestralidade negra, percebida no fenótipo dos moradores, outros elementos se destacam como intrínsecos à comunidade. Conforme fora demonstrado, além das *tradições* ocorridas na esfera do sagrado em Caiana dos Crioulos, outras práticas também ganham destaque na comunidade, as quais denominamos de o “som de Caiana” (LIMA, 2015, p.156).

O som de Caiana: Pífano, Ciranda e Coco de Roda

Dentre as práticas realizadas, por parte dos moradores da comunidade de Caiana dos Crioulos, que se caracterizam e são percebidas tanto por parte dos moradores como por parte daqueles que não fazem parte da comunidade, como

elementos formadores de uma cultura quilombola, destacam-se a ciranda e a dança do coco de roda.

O momento da realização desses eventos ganha um lugar de destaque no cotidiano da comunidade, um lugar à parte do dia a dia de trabalho na roça, um momento único e especial, uma festa onde as identidades dos moradores são (re)afirmadas perante os seus pares (LUIZ, 2009, p.23), bem como para aqueles que não fazem parte do seu convívio, como é o caso das apresentações que ocorrem fora da comunidade. Além disso, no momento em que os moradores dançam o coco e a ciranda, existe uma ligação com o seu passado, mantendo as tradições que foram deixadas pelos antepassados.

A ciranda e o coco de roda são elementos e espaços onde os seus participantes (re)afirmam, além de sua identidade étnico-racial, suas identidades religiosa, de gênero, espacial e fortalecem seus laços de sociabilidade (LUIZ e SOUZA, 2009, p.10), assim como fortalecem a identidade e sua percepção enquanto quilombolas (MELO, 2010). Apesar de estarem relacionados entre as práticas culturais na comunidade de Caiana dos Crioulos, existe uma diferença entre a Ciranda e o Coco de Roda. D'amorim e Araújo (2003, p.122) caracterizam a Ciranda da seguinte maneira:

[...] agarrados pelas mãos ou pelos dedos, braço com braço, totalmente estendidos ou encolhidos; usam, ocasionalmente, também, colocar uma mão para trás. Pode ser observado um jogo de corpo para frente e para trás, entrançamento de pernas, movimento de braços que se elevam para o alto e para baixo. Também podem ser verificados um leve dobrar de joelhos, requebros, passos de lado, balanceamento de corpo, braços, cabeça e ventre.

Portanto, a ciranda se caracteriza como um tipo de dança que é praticado tanto por homens e mulheres quanto crianças, a mesma é composta por uma roda, onde os cirandeiros dão passos que se alternam entre para fora e para dentro do círculo, comandados por uma música que é puxada pelo mestre-

cirandeiro e os participantes respondem ao mesmo. Já o Coco de roda, para D'amorim e Araújo (2003, p.113) é caracterizado como

O Coco é uma dança de roda, com um casal no centro que se reveza com os demais, um após outro. Os formadores do círculo de dançarinos, pisam forte no solo, batem palmas e, vagarosamente, circulam, ao mesmo tempo em que giram o corpo de um lado para outro. O casal, no centro, é mais ousado, dando volta completa em torno de si e encontrando-se em umbigada.

E de acordo com Ayala e Ayala (2000, p.31), em uma pesquisa que teve como objetivo demonstrar uma espécie de mapeamento do Coco na Paraíba perceberam que

A brincadeira do coco tem sido encontrada no espaço urbano da capital e de cidades do interior da Paraíba, na área litorânea de maior ou menor densidade populacional em que é grande a concentração de pescadores e trabalhadores rurais de usinas ou de plantações de coco, na zona rural de cidades do interior, em assentamentos de trabalhadores rurais, em **comunidades negras isoladas** e em aldeias indígenas. (Grifo nosso).

Nesse sentido, o coco-de-roda se caracteriza tanto como uma dança de roda como em fileiras mistas, onde existe uma linha melódica cantada pelo tirador, também chamado de coquista, em que da mesma forma que a anterior, o refrão é respondido pelos dançadores. Ayala e Ayala (2000, p.37) observaram uma preferência daqueles que dançam tanto o Coco quanto a Ciranda

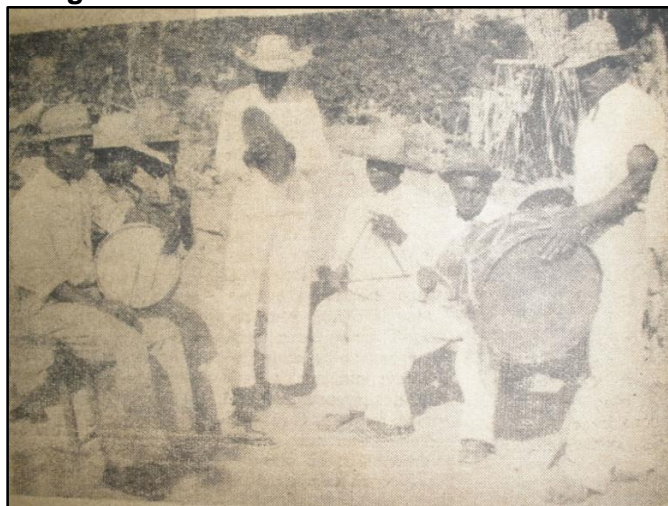
Há também uma preferência pela ciranda em várias localidades visitadas. São raros os grupos que só dançam cocos, sem alterná-los com a ciranda, dança muito popular na Paraíba e no Nordeste. Segundo alguns depoimentos, os cocos aparecem depois da meia noite. Antes, só ciranda.

A primeira expressão do *som de caiana* que ficou conhecida para além dos limites da comunidade, diz respeito à Bandinha de Pífano existente na comunidade no final da década de 1940, essa banda também ficou conhecida

como Banda Cabaçal. Ela teve seu primeiro registro na reportagem “Um Quilombo Esquecido” de Falconi (1949).

Na fotografia 1, podemos perceber a composição dos membros da banda e os respectivos instrumentos que cada membro tocava. De acordo com dona Edite (2014), a banda era formada por 7 membros, todos homens, Firmo, Vital, Zé Januário, Heleno, Antonio, Zé João e Anizo, no qual dois membros tocavam pífanos de taboca, um tambor, uma caixa, uma zabumba, um triângulo e um prata. Essa banda perpassava a *memória coletiva* da comunidade porque foi a primeira forma de cultura de Caiana que ganhou projeção para além dos limites de Alagoa Grande. Seus membros conseguiram se apresentar, inclusive, em Brasília e São Paulo, e outras localidades mais próximas, como João Pessoa e Pilões.

Fotografia 1: Banda de Pífano de Caiana em 1949.



Fonte: Correio das Artes (1949, p. 8-10).

O líder da banda, seu Firmo, ganhou uma projeção na comunidade devido a sua atuação como membro da banda, além de permanecer na *memória coletiva* dos moradores quando a escola da comunidade foi batizada com o seu nome, Escola Firmo Santino. Dona Edite (2014) relata que um neto do antigo líder do grupo pretendia retornar com uma banda, mas “foi simbora pro Ri ai

casou e acabou com a bandinha”, mas que mesmo assim “ele disse que ainda tem, o sono dele ainda é vim paqui [Caiana dos Crioulos] pra reformar essa banda de novo. Eu disse ‘vem meu filho, vem que a gente está precisando”.

Além das cidades que foram citadas, o circuito percorrido pela banda também se fazia presente nas festividades e celebrações ocorridas na comunidade, assim dona Edite relembra que sua mãe “rezava uma novena de Nossa Senhora da Conceição todo ano e todo ano era ela [a banda] quem tocava lá em casa”, na época de sua juventude, em meados dos anos 1960 e 1970.

Dona Edite (2014) relata ainda que as gerações futuras, os filhos e os netos dos membros originais, optaram por não dar continuidade ao grupo, fazendo com que a *tradição* da “bandinha de pífano se perdesse” com a morte dos mesmos e fosse deixada de lado por parte dos membros mais novos da comunidade. Esse declínio da bandinha de pífano é rememorado por Elza (2014),

A bandinha de pífano, houve época que fizeram muitas apresentações, antes mesmo do grupo de ciranda, existia a banda de pífano que foram várias vezes pra outras cidades, inclusive, Brasília, São Paulo, todos eles né, chegaram a ir. Agora né, depois que a bandinha ficou sem se apresentar pra fora, ai então veio essa questão da, das cirandeiras, o grupo de ciranda.

Durante a gravação do CD *Caiana dos Crioulos* (2013), uma fala de Seu Zuza se torna emblemática. Quando aquele grupo se uniu para gravar o CD a prática de reunir tanto o novo grupo das cirandeiras, que passava a se destacar na comunidade, como as antigas práticas da banda de pífano, Seu Zuza é transportado para um passado não tão distante, onde as *tradições* da comunidade são vivenciadas e, novamente, ele pode se tornar mais próximo dos seus antepassados. De acordo com ele, aquele momento “O que significa é um grande divertimento, tudo pessoal se alembando dos tempos antigo que nós brincava, né?”.

Outra materialização do *som de Caiana* pode ser percebida nos Cocos, prática interna da comunidade que remete a tempos imemoriais e que foram registrados no ano de 1993 por um grupo de pesquisadores comandados por Ayala e Ayala (2000). O grupo de pesquisadores conseguiu registrar 5 cocos, no dia 14 de fevereiro de 1993, que eram entoados na comunidade e foram catalogados na obra. A transcrição dos mesmos segue um padrão, na espécie de um diálogo, onde o C corresponde ao cantador e o R diz respeito a resposta entoada. “R – Abalancei balancei / Balanceei balançar / C – Eu vou bater o baião / até a barra chegar”.

Outro Coco que fora registrado na pesquisa de Ayala e Ayala (2000, p.205) é o coco de caninana, “C – Ô caninana / que cobra é? / R – Eh caninana / Que cobra foi?”, esse Coco possui um diferencial, pois os pesquisadores tiveram o cuidado de registrar a fala dos moradores João Maria e Dona Cecília, em que eles explicam a dança, conforme pode ser percebido

João Maria – Aí eles pegam uma garrafa de bebida bota no meio...
Dona Cecília – Para ser a cobra né?
J.M – Sim, pra ser a cobra, pra todo mundo ficar arrodando aquela garrafa... aquela garrafa. Se botar abaixo aí... vamo' beber. [...]
D.C – Então João Maria fica duas pessoas no meio que é pra que a garrafa não vire, né? [...] Não é duas pessoas numa roda pra derrubar aquela garrafa que tá no meio, né?
J.M – Era qualquer um que entrasse pra dentro da roda pra derrubar a garrafa. [...] Aí antigamente as brincadeiras era essa. Chegava os mais velhos que não tinha vergonha, não se importava aí todo mundo danç..., brincava. Mas fazia. O coco de roda, não tinha ciranda não, era só coco, era só coco. Agora devido as cirandas foi que perdeu-se... até coco de roda. Vez por outro é que eu me lembro de um já hoje eu me lembrei desse. Já era dos velhos.

O lugar do *som de Caiana* que estava vago desde as apresentações da bandinha de pífano, que “ficou sem se apresentar pra fora” foi ocupado agora por um novo grupo que passava a se destacar e ganhar prestígio nas

festividades e eventos das quais participavam os moradores de Caiana dos Crioulos, ou seja, o grupo de ciranda, formado, especialmente, por mulheres da comunidade de Caiana.

A principal característica da ciranda de Caiana foi uma transformação ocorrida, ao longo dos últimos anos, que diz respeito à alteração de papéis de gênero na dança, ou seja, enquanto a predominância era masculina, atualmente, ela se configura quase que exclusivamente feminina, tendo um número restrito de homens, como afirma Melo (2010, p.2)

[...] como ser só de mulheres e negras - exceção para os percussionistas e um único homem na roda de ciranda/coco, um senhor, esposo de uma das cirandeiras, que passa a brincadeira toda dançando sozinho no meio da roda, com uma garrafa equilibrada na cabeça, mesmo quando as 'coquistas' estão dançando.

Elza (2014) relata que a formação dos grupos ocorreu devido a participação do Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais, conhecido também como Margarida Maria Alves, e

[...] elas vinham, pra esses encontros, ou seja, ia pra esses encontros e lá sempre tinha essa necessidade, como qualquer evento hoje, precisa de uma dinâmica, né? As vezes a pessoa muito tempo sentado, precisa de uma dinâmica, respirar, fazer algum movimento, sei lá. Então vinha aí as mulheres de Caiana animava sempre com uma, é... Uma música, da Ciranda.

Nesse sentido, percebemos que a formação do grupo das cirandeiras não foi uma imposição *de fora* da comunidade ou, até mesmo, uma tentativa de substituir a bandinha de pífano, ao contrário, a formação do grupo ocorreu de forma espontânea, quando aquelas mulheres se reuniam para discutir suas problemáticas e vivências relacionadas ao seu cotidiano. As cirandeiras começaram a se destacar nessas reuniões e passaram a chamar a atenção tanto dos membros da organização, como da prefeitura, que percebeu a necessidade de comprar instrumentos que fossem próprios do grupo, embora já existisse os

instrumentos na comunidade, mas “o animador da ciranda que tinha o bumba, mas aquele bumba era dedicado só os eventos da comunidade. Até então, não se fazia Ciranda fora”.

A compra dos instrumentos se torna uma espécie de divisor de águas na história do grupo das cirandeiras, pois a partir dessa situação, o grupo passa a ter uma certa autonomia e começa a se destacar nas festividades. Nesse momento, “a partir da década de 2000 o grupo de coco de roda e ciranda passou a apresentar-se com maior frequência, em eventos culturais, políticos e acadêmicos” (SANTOS, 2014). Sobre essa questão, Santos (2014, p.273) afirma que

De atividade voltada para o lazer comunitário e eventuais participações em eventos políticos até a **década de 1990**, a brincadeira dos cocos, em Caiana dos Crioulos, passou por importantes **ressignificações na década de 2000**, quando os espaços de performance, externos à comunidade, **foram ampliados** e as narrativas de reforço à **ancestralidade negra** encontraram maior ressonância, principalmente, no meio acadêmico. A implantação das políticas públicas de cultura, em nível estadual e nacional, também contribuiu para essa nova realidade. (Grifos nossos)

De acordo com dona Edite (2014), todas as canções que são entoadas por parte dos grupos foram repassadas pelos seus antepassados, “meus pais diziam que essas coisas já vêm das primeiras gerações”. A importância das cirandas é percebida pelos moradores da comunidade, sobretudo para aqueles que participam de alguma atividade relacionada às práticas culturais da comunidade, como é o caso de Elza (2014). Para ela a ciranda praticada pelos seus antepassados tinha uma função específica, divertir, tornando a vida, naquele momento, mais leve.

[...] a ciranda foi no sentido de distração, de distrair. De ter uma vida melhor, naquele... Pelo menos naquele momento, daquele círculo daquela ciranda, um sentido de um lazer. E eu acredito que hoje ainda é isso. A gente nessa hora se torna um lazer pra gente a Ciranda.

O conteúdo lírico das cirandas e dos cocos de roda são direcionados as mais variadas esferas que compõe as vivências dos moradores da comunidade, desde práticas relacionadas ao trabalho, como *A Lavandeira* e *Xô Lavandeira*, perpassando por questões afetivas *Rosa* e *Meu relógio na parede*, religiosas, como *Bendito de São José* e *Bendito de Nossa Senhora da Conceição* e até mesmo a própria prática da ciranda, como *Velho Cirandeiro* e *Morena Jardineira*.

Mediante o que foi exposto, acreditamos que a formação dos grupos de cirandeiras se torna uma *tradição* na comunidade, onde suas apresentações se configuram como *festas* e onde a *etnicidade* dos moradores de Caiana dos Crioulos é reafirmada perante os seus iguais e os diferentes, caracterizando-os como *grupos étnicos*.

Referências

Fontes Orais

DONA EDITE. Edite José da Silva, 69 anos, agricultora, auxiliar de serviços e cirandeira. Entrevista concedida à Hezrom Vieira Costa Lima em 19 de fevereiro de 2014. Local: Escola Firmo Santino, Caiana dos Crioulos (Alagoa Grande-PB).

ELZA. Elza Ursulino Nascimento, 40 anos, agricultora, agente comunitária de saúde e cirandeira. Entrevista nº 1, concedida à Hezrom Vieira Costa Lima em 15 de abril de 2014. Local: Museu Jackson do Paneiro (Alagoa Grande-PB).

LÚCIA. Lúcia de Fátima Júlio, 59 anos, professora, engenheira agrônoma. Entrevista concedida à Hezrom Vieira Costa Lima em 8 de Março de 2014. Local: Alagoa Grande – PB.

Audivisuais

CAIANA DOS CRIoulos. Ciranda, coco de roda e outros cantos. Projeto Memória Musical da Paraíba, vol. 1. Produção Socorro Lira, 2003, 1 CD.

Periódicos

FALCONI. Ivaldo. *Um quilombo esquecido*. A Comunidade Rural de Caiana - Um aglomerado negro cujos restos ainda sobrevivem em relativa segregação – seus costumes - propriedade coletiva da terra. Correio das Artes, João Pessoa. 25-9-1949. (p. 8-10).

ZADRA, Luiz. *A VIDA VALE UMA FESTA*: Crônica de uma festa de casamento em Caiana dos Crioulos, comunidade remanescentes de quilombos no interior

da Paraíba. Revista Sem Fronteiras: A Igreja no Brasil aberta ao mundo. Nº 251, Junho 1997 – pág. 13

Bibliografia

AYALA, Maria Ignez Novais; AYALA, Marcos (Orgs.). *Cocos: alegria e devoção*. Natal: EDUFRN, 2000.

BARTH, Fredrik. Grupos Étnicos e suas Fronteiras. In: POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. *Teorias da Etnicidade*, São Paulo: Ed. UNESP, 2011.

BURKE, Peter. *Cultura Popular na Idade Moderna: Europa, 1500-1800*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

CUCHE, Denys. *A noção de cultura nas ciências sociais*. Tradução Viviane Ribeiro. 2. ed. Bauru: EDUSC, 2002.

CUNHA, Manuela Carneiro. *Antropologia do Brasil: Mito, História e Etnicidade*. São Paulo: EDUSP; Brasiliense, 1986.

D'AMORIM, Elvira; ARAÚJO, Dinalva. *Do lundu ao samba: pelos caminhos do coco*. João Pessoa: Idéia/Arpoador, 2003.

FIALHO, Vânia. Caiana dos Crioulos: revisitando um quilombo do brejo paraibano. *Observatório Quilombola*. V.8, N. 15. Ensaio, 2005. Disponível em: http://www.koinonia.org.br/OQ_temp/pop_ensaio15.htm . Acesso em 26 nov. 2013.

HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence (Orgs.). *A Invenção das Tradições*. Tradução Celina Cavalcante. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

LIMA, Fernanda Barboza de. *Comunidade Quilombola Caiana dos Crioulos: Um estudo sociovariacionista*. 2014. 288 f. Tese (Doutorado em Letras) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Universidade Federal da Paraíba: João Pessoa, 2014.

LIMA, Hezrom Vieira Costa. *“Já veio tudo dos antepassados”*: História, Memória e Identidade Étnica em Caiana dos Crioulos. 2015. 170 f. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Universidade Federal da Paraíba: João Pessoa, 2015.

LOZANO, Jorge Eduardo Aceves. Prática e estilos de pesquisa na História Oral contemporânea. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. (Orgs.). *Usos & Abusos na História Oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2006, p.15-25.

LUIZ, Janailson Macêdo. *Das Ressignificações do Passado: As artes da memória e a escrita da história da comunidade remanescente de quilombos Caiana dos Crioulos, Alagoa Grande – PB.* 2013. 191 f. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Humanidades, Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2013.

_____. As cirandeiras de Caiana dos Crioulos e a arte de reinventar a vida. *Blecaute: Revista de Literatura e Artes.* Campina Grande, n. 4, p. 19-25, 2004.

_____; SOUZA, Maria Lindaci G. *Caiana, Coco e Ciranda: As Cirandeiras de Caiana dos Crioulos e a arte de (re)inventar as tradições e o cotidiano.* II Seminário Nacional Gênero e Práticas Culturais: Culturas, leituras e representações. João Pessoa, UFPB, 2009.

MAIA, Doralice Satyro. *Tempos lentos na cidade: Permanências e transformações dos costumes rurais na cidade de João Pessoa – PB.* 2000. 363f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade de São Paulo: São Paulo, 2000.

MELO, Josemir Camilo. *Cultura, Memória Coletiva e Identidade Étnica na Ciranda de Caiana dos Crioulos (Alagoa Grande-PB).* X Encontro Nacional de História Oral - Testemunhos: História e Política. Universidade Federal de Pernambuco: Recife, 2010.

SANTOS, Eurides Souza. *Memória Social: A brincadeira dos cocos na comunidade quilombola Caiana dos Crioulos.* *Revista Instituto Estudos Brasileiros.* São Paulo, n.59, p.261-282, dez, 2014.

VOLDMAN, Danièle. *Definições e usos.* In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. (Orgs.) *Usos & abusos da história oral.* 8. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.